

A PRIMEIRA COISA QUE fizeram foi mostrar os peitos. Sentaram-se, as três, na beira da cama, em frente à câmara, despiram as camisetas e, uma por uma, foram tirando os sutiãs. Robin quase não tinha o que mostrar, mas fez mesmo assim, mais atenta aos olhares de Katia e de Amy que à própria brincadeira. Se você quiser sobreviver em South Bend, Robin as tinha ouvido dizer certa vez, melhor ficar amiga das fortes.

A câmara estava instalada nos olhos do bicho de pelúcia, e às vezes ele girava sobre as três rodas escondidas sob sua base, avançava ou retrocedia. Alguém o manipulava de algum outro lugar, elas não sabiam quem era. Era um ursinho panda simples e tosco, embora na verdade parecesse mais uma bola de rúgbi com uma das pontas cortada, o que lhe permitia se manter em pé. Quem quer que fosse do outro lado da câmara tentava segui-las sem perder nada, então Amy o ergueu e o pôs numa banqueta, para que os peitos ficassem na sua altura. O bicho de pelúcia era de Robin, mas tudo que ela tinha era também de Katia e Amy: esse era o pacto de sangue que haviam feito na sexta-feira e que as uniria para o resto de suas vidas. E agora cada uma tinha que fazer seu numerozinho, de modo que voltaram a se vestir.

Amy recolocou o bicho de pelúcia no chão, pegou o balde que ela mesma tinha trazido da cozinha e o pôs em cima dele, tapando-o completamente. O balde se movimentou, nervoso e às cegas, pelo quarto. Chocava-se com cadernos, sapatos e com a roupa espalhada, o que parecia deixar o bicho de pelúcia ainda mais desesperado. Quando Amy simulou que sua respiração se agitava e começou a fazer gemidos de excitação, o balde se deteve. Katia se juntou à brincadeira, e ensaiaram juntas um longo e profundo orgasmo simultâneo.

— Isso não vale como seu número — Amy advertiu Katia, assim que conseguiram parar de rir.

— Claro que não — disse Katia, e saiu em disparada do quarto. — Preparem-se! — gritou, afastando-se pelo corredor.

Robin não costumava se sentir confortável com aquelas brincadeiras, embora admirasse a desenvoltura com que Katia e Amy agiam, a forma com que falavam com os meninos, como conseguiam que seus cabelos sempre estivessem cheirosos e que as unhas se mantivessem perfeitamente pintadas o dia inteiro. Quando as brincadeiras ultrapassavam certos limites, Robin se perguntava se não estariam pondo-a à prova. Tinha sido a última a entrar no “clã”, como diziam elas, e fazia grandes esforços para estar à altura.

Katia voltou ao quarto com sua mochila. Sentou-se na frente do balde e liberou o urso de pelúcia.

— Presta atenção — disse, olhando para a câmera, e os olhos a seguiram.

Robin ficou pensando se ele podia compreendê-las. Parecia escutá-las com perfeição, e elas falavam inglês, que é o que o mundo todo fala. Talvez falar inglês fosse a única coisa boa que existia em ter nascido numa cidade tão terrivelmente entediante como South Bend, e mesmo assim sempre existia a possibilidade de topar com um estrangeiro que não sabia nem perguntar as horas.

Katia abriu a mochila e pegou o álbum de fotos de sua turma de educação física. Amy aplaudiu e gritou:

— Você trouxe a putinha? Vai mostrar?

Katia assentiu. Passou as páginas procurando, ansiosa, a ponta da língua despontando entre os lábios. Quando a encontrou, abriu o álbum e segurou o volume na frente do urso de pelúcia. Robin se aproximou para ver. Era Susan, a menina estranha da aula de biologia que o clã perseguia por esporte.

— Chamam ela de “bunda escorrida” — disse Katia. Franziu os lábios algumas vezes, como fazia cada vez que estava prestes a cometer uma maldade do mais alto gabarito, que era o que o clã exigia. — Vou te mostrar como fazer dinheiro grátis com ela — disse Katia

para a câmera. — Robin, amorzinho, segura o livro enquanto mostro ao cavalheiro a tarefa dele?

Robin se aproximou e segurou o livro. Amy olhava curiosa, não conhecia o roteiro de Katia, que conferiu seu celular até encontrar um vídeo e o colocou na tela, diante do urso. No vídeo, Susan abaixava as meias e a calcinha. Parecia ter sido gravado do chão do banheiro da escola, detrás do vaso sanitário; talvez tivessem posto a câmera entre o cesto de lixo e a parede. Soaram uns peidos e as três riram às gargalhadas e gritaram de prazer quando, antes de puxar a descarga, Susan ficou olhando a própria merda.

— Esta sujeita nada em dinheiro, querido — disse Katia. — A metade para você e a outra metade para nós. É que aqui o clã não pode chantagear ela de novo, já estamos na mira da Direção.

Robin não sabia do que estavam falando, e não era a primeira vez que o clã não a incluía em suas atividades mais ilícitas. Logo o número de Katia acabaria, seria a sua vez, e ela não tinha pensado em nada. Suas mãos transpiravam. Katia pegou seu caderno, um lápis, e anotou alguns dados.

— Aí vão nome completo, telefone, e-mail e endereço da bunda escorrida — disse, e colocou o papel ao lado da foto.

— E como o jovem cavalheiro vai nos dar o dinheiro? — Amy perguntou para Katia, piscando um olho para a câmera, para o suposto cavalheiro. Katia hesitou. — A gente não sabe que porra de cara ele é — disse Amy —, por isso mostramos os peitos a ele, certo?

Katia olhou para Robin, como que pedindo ajuda. Era nesses breves momentos que contavam com ela, quando Katia e Amy, em seus níveis máximos de voluptuosidade, guerreavam entre si.

— Como o cavalheiro vai nos passar o e-mail dele, hein? — continuou zombando Amy.

— Eu sei como — disse Robin.

As duas a olharam, surpresas.

Este seria seu numerozinho, pensou, daria pra quebrar o galho. O urso panda também girou, queria acompanhar o que estava acontecendo. Robin largou o livro, foi até o armário e conferiu

as gavetas. Voltou com um tabuleiro da brincadeira do copo e o abriu no chão.

— Sobe — disse.

E o ursinho subiu. As três rodas plásticas que tinha na base moreram sem problema o papel-cartão, e num instante ele estava em cima do tabuleiro. Moveu-se ao longo do abecedário, como se o investigasse. Embora seu corpo ocupasse mais de uma letra por vez, logo se entendia qual era a indicada, oculta entre suas rodas. O ursinho se acomodou sob o arco do abecedário e ali ficou. Era evidente que ele sabia muito bem como funcionava o jogo do copo. Robin pensou no que faria quando as meninas fossem embora e ela tivesse que voltar a ficar sozinha com aquele bicho de pelúcia, agora que tinha exibido a ele os peitos e que tinha mostrado uma forma de se comunicar com ela.

— Incrível — disse Amy.

E Robin deixou escapar um sorriso torcido.

— Qual das três você acha que tem os melhores peitos? — perguntou Katia.

O ursinho se moveu rápido sobre as letras do tabuleiro.

A L O I R A

Katia sorriu orgulhosa, talvez porque soubesse que era verdade.

Como não tivera antes a ideia do truque do jogo do copo, pensou Robin. Fazia mais de uma semana que estava com o urso de pelúcia no quarto, de um lado para o outro. Poderia ter conversado tranquila com ele, quem sabe fosse alguém especial, um menino por quem pudesse se apaixonar, e estava pondo tudo a perder.

— Você aceita o trato da bunda escorrida? — perguntou Katia, mostrando mais uma vez a foto de Susan.

O ursinho se moveu, voltou a escrever.

P U T A S

Robin franziu o cenho, sentiu-se ferida, embora insultá-las fiasse a favor de seu ursinho: ela sabia que o que estavam fazendo não era certo. Katia e Amy se entreolharam e sorriram orgulhosas, mostrando a língua ao bicho.

— Que vulgar — disse Amy. — Vamos lá, o que mais o cavalheiro vai nos dizer?

— O que mais somos, meu consoladorzinho? — incitou Katia, jogando-lhe beijinhos sensuais com a mão. — O que mais você gostaria que a gente fosse?

A G R A N A

Acompanhá-lo exigia concentração.

V O C E S V A O M E D A R

As três trocaram olhares.

P E I T O S G R A V A D O S 4 0 0 P / P E I T O S A O 2 4 0 0 D O L L A R

Amy e Katia se olharam por alguns segundos e desataram a rir. Robin estava agarrada à sua camiseta, apertava o tecido com força, tentando um sorriso.

— E você vai cobrar de quem, hein? — perguntou Amy e ameaçou levantar de novo a camiseta.

S E N A O P E I T O S P / E M A I L D A S U S A N

Pela primeira vez, Amy e Katia ficaram sérias. Robin não conseguia decidir de que lado estava, talvez seu ursinho de pelúcia fosse um justiceiro.

— Você pode mostrar o que quiser — disse Amy —, nós temos os melhores peitos da cidade. Nada do que nos envergonhar.

Robin sabia que isso não a incluía. Amy e Katia bateram palmas. Então o ursinho começou a dançar pelo tabuleiro, escrevia sem parar, soletrando palavras que Robin mal chegava a ler.

T E N H O V I D E O S M A E D E R O B I N C A G A N D O E I R M A D
E R O B I N S E M A S T U R B A N D O X 6

Era preciso seguir letra por letra, não se podia parar de olhar para ele.

P A I D I Z E N D O C O I S A S P R A M O Ç A D A L I M P E Z A

Amy e Katia observavam fascinadas a dança sobre o tabuleiro, pacientes na espera de cada nova humilhação.

R O B I N P E L A D A E R O B I N F A L A N D O M A L D E A M Y P O
R T E L E F O N E

Amy e Katia se entreolharam. Depois olharam para ela, já não sorriam.

ROBIN FINGINDO SE R A M Y E S E R K A T I A E F I N G I N
D O B E I J A R E L A S

O ursinho continuou escrevendo, mas Amy e Katia pararam de ler. Levantaram-se, juntaram suas coisas e foram embora batendo a porta.

Tremendo, enquanto o ursinho continuava a se mover no teclado, Robin tentava desvendar como diabos se desligava aquele aparelho. Não tinha interruptor, já tinha reparado nisso antes, e, no desespero, não encontrou alternativa. Agarrou-o e, com a ponta de uma tesoura, tentou abrir a base. O urso mexia as rodas, tentava se safar, mas era inútil. Robin não encontrou nenhuma fenda para rasgar, então deixou-o no chão outra vez e ele voltou imediatamente ao tabuleiro. Robin o empurrou para fora num pontapé. O ursinho chiou e ela gritou, porque não sabia que o aparelho podia chiar. Pegou o tabuleiro e o arremessou para o outro lado do quarto. Trancou a porta com chave e voltou a persegui-lo com o balde, como se quisesse capturar um inseto descomunal. Conseguiu tapá-lo e se sentou sobre o balde. Ficou assim por um tempo, segurando-se pelos lados, prendendo o ar toda vez que o ursinho batia no plástico e fazendo força para não chorar.

Quando a mãe a chamou para jantar, ela gritou que não estava se sentindo bem, e que iria para a cama sem comer. Pôs sobre o balde o grande cofre de madeira onde guardava seus cadernos e livros escolares, imobilizando-o. Alguém tinha lhe dito que, se ela não conseguisse quebrá-lo, a única maneira de desligá-lo era esperar que a bateria acabasse. Então abraçou a almofada e se sentou na cama, esperando. Preso no balde, o ursinho continuou chiando por horas, debatendo-se feito uma mosca-varejeira gigante, até que, já chegando a madrugada, o quarto ficou em completo silêncio.

NA TELA APARECEU UM RETÂNGULO. Pedia o número de série, e Emilia suspirou e se acomodou em sua cadeira de vime. Nada a tirava mais do sério do que solicitações como aquela. Pelo menos seu filho não estava ali, contando em silêncio a passagem do tempo enquanto ela procurava os óculos para conferir outra vez as instruções. Sentada na mesinha do corredor, se endireitou na cadeira para aliviar a dor nas costas. Inspirou profundamente, expirou e, verificando cada dígito, inseriu o código do cartão. Sabia que o filho não tinha tempo para bobagens, e ainda assim o imaginou espiando-a de alguma câmera oculta no corredor, aflito com sua ineficiência lá daquele escritório de Hong Kong, tal como teria feito seu marido, se ainda estivesse vivo. Depois de vender o último presente que o filho tinha lhe enviado, Emilia pagou as contas atrasadas do apartamento. Não entendia muito de relógios, nem de bolsas de grife, nem de tênis esportivos, mas tinha vivido o suficiente para saber que qualquer coisa envolta em mais de duas camadas de celofane, enviada em uma caixa aveludada e que requer assinatura e apresentação de documento valia o suficiente para saldar suas dívidas de aposentada, além de deixar muito claro quão pouco um filho podia saber sobre sua mãe. Tinham lhe tirado o filho pródigo quando o rapaz fez dezenove anos, seduzindo-o com remunerações obscenas e o levando de lá para cá. Ninguém ia devolvê-lo mais, e Emilia ainda não tinha decidido em quem jogar a culpa.

A tela voltou a piscar, “Número de série aceito”. Não tinha um computador de última geração, mas o seu servia para o uso que lhe dava. A segunda mensagem dizia “conexão de kentuki estabelecida”, e em seguida um programa novo se abriu. Emilia franziu o cenho; para que serviam essas mensagens, se eram indecifráveis? Irritavam-na, e quase sempre estavam relacionadas com os dispositivos que seu

filho lhe enviava. Para que perder tempo tentando entender aparelhos que nunca voltaria a usar, isso era o que se perguntava toda vez. Olhou a hora. Já eram quase seis. O rapaz telefonaria para perguntar o que tinha achado do presente, então fez um último esforço para se concentrar. Na tela, o programa mostrava agora um teclado de controles, como quando jogava batalha naval no telefone do filho, antes de essa gente de Hong Kong levá-lo embora. Em cima dos comandos, um alerta propunha a ação “acordar”. Selecionou-a. Um vídeo ocupou quase toda a tela e o teclado de controles ficou resumido às laterais, simplificado em pequenos ícones. No vídeo, Emilia viu a cozinha de uma casa. Perguntou-se se poderia ser o apartamento de seu filho, embora não fosse o estilo dele, o rapaz nunca teria uma casa tão bagunçada nem entulhada de coisas. Havia revistas sobre a mesa, debaixo de latas de cerveja, xícaras e pratos sujos. Atrás, a cozinha aberta a uma pequena sala, nas mesmas condições.

OuvIU-se um murmúrio suave, como um canto, e Emilia se aproximou da tela para tentar entender. Os alto-falantes eram velhos e barulhentos. O som se repetiu, e ela descobriu que na verdade se tratava de uma voz feminina: estavam falando em outro idioma e ela não compreendia uma única palavra. Emilia entendia inglês — se falassem devagar —, mas isso não parecia inglês de jeito nenhum. Então apareceu alguém na tela, era uma garota de cabelos claros e úmidos. A moça falou outra vez e o programa perguntou, com outro retângulo, se devia habilitar o tradutor. Emilia aceitou o retângulo, selecionou “Spanish” e, quando a garota falou com ela de novo, uma legenda foi escrita sobre a imagem:

“Está me escutando? Está me vendo?”.

Emilia sorriu. Em sua tela, viu-a se aproximar ainda mais. Tinha olhos azul-claros, uma argola no nariz que não lhe caía nada bem, e um gesto concentrado, como se ela também tivesse dúvidas sobre o que estava acontecendo.

— *Yes* — disse Emilia.

Foi tudo o que se animou a dizer. É como falar por Skype, pensou. Perguntou-se se o filho a conhecia e rezou para que não fosse

namorada dele, porque, em geral, não se dava bem com as mulheres decotadas demais, e não era preconceito, eram sessenta e quatro anos de experiência.

— Oi — disse, só para comprovar que a garota não podia ouvi-la.

A garota abriu um manual do tamanho de suas mãos, aproximou-o do rosto e ficou lendo por um tempo. Talvez usasse óculos, mas tivesse ficado com vergonha de colocá-los na frente da câmera. Emilia ainda não tinha entendido o que era aquilo, embora fosse preciso aceitar que começava a sentir certa curiosidade. A garota lia e assentia, dando uma espiada nela a cada tanto por cima do manual. Por fim pareceu ter tomado uma decisão, baixou o manual e falou em seu idioma ininteligível. O tradutor escreveu na tela:

“Feche os olhos”.

A ordem a surpreendeu, Emilia endireitou-se na cadeira. Fechou os olhos por um momento e contou até dez. Quando os abriu, a garota ainda a observava, como que esperando algum tipo de reação. Então viu na tela de controle uma nova janela que, solícita, oferecia a opção “dormir”. Será que o programa tinha um detector de instruções? Emilia selecionou a opção e a tela ficou preta. Ouviu a garota festejar e aplaudir e falar com ela outra vez. O tradutor escreveu:

“Abra! Abra!”.

O teclado ofereceu uma nova opção: “acordar”. Quando Emilia a selecionou, o vídeo voltou a funcionar. A garota sorria para a câmera. É uma baboseira, pensou Emilia, embora reconhecesse que tinha lá sua graça. Havia algo de emocionante, ela ainda não conseguia entender exatamente o quê. Selecionou “avançar” e a câmera se moveu alguns centímetros na direção da garota, que sorriu divertida. Viu que ela aproximou o dedo indicador devagar, bem devagar, até quase tocar a tela, e voltou a ouvi-la falar.

“Estou encostando no seu nariz.”

As letras do tradutor eram grandes e amarelas, podia vê-las confortavelmente. Acionou “voltar” e a garota repetiu o gesto, visivelmente intrigada. Estava claro que também era a primeira vez para ela, e que em hipótese nenhuma a estava julgando por sua falta

de conhecimento. Compartilhavam a surpresa de uma experiência nova, e Emilia gostou disso. Deu o comando “voltar” outra vez, a câmera se afastou e a garota aplaudiu.

“Espere.”

Emilia esperou. A garota se afastou e ela aproveitou para acionar “esquerda”. A câmera girou e assim ela viu melhor como era pequeno o apartamento: um sofá e uma porta para o corredor. A moça recomeçou a falar, não estava mais enquadrada, mas o tradutor transcreveu para o espanhol mesmo assim:

“Esta é você”.

Emilia girou até sua posição original e ali estava outra vez a garota. Segurava uma caixa de uns quarenta centímetros na altura da câmera. A tampa estava aberta e dizia “kentuki”. Emilia demorou a entender o que estava vendo. A face dianteira da caixa era quase toda de celofane transparente, dava para ver que estava vazia, e nas laterais havia fotos de perfil, de frente e de costas de um bicho de pelúcia rosa e preto, um coelho rosa e preto que mais parecia uma melancia que um coelho. Com os olhos saltados e duas longas orelhas amarradas na parte superior. Uma fivela em formato de osso as unia, mantendo-as erguidas por uns poucos centímetros, e depois elas caíam lânguidas para os lados.

“Você é uma coelhinha linda”, disse a garota. “Você gosta de coelinhos?”

HAVIA BOSQUES E ARVOREDOS, que começavam a alguns metros desta grande residência onde eles tinham sido hospedados, e a luz forte e branca em nada lembrava os tons ocre de Mendoza. Isso era bom. Isso era o que ela queria havia alguns anos, mudar de lugar, ou de corpo, ou de mundo, o que quer que pudesse acontecer. Alina olhou o “kentuki” — assim o apresentavam na caixa e assim o chamavam no manual do usuário. Estava no chão, sobre o carregador, ao lado da cama. A luz do display da bateria ainda vermelha, e as instruções diziam que, na primeira vez, era preciso carregar a bateria por ao menos três horas. De modo que tinha que esperar. Pegou uma mexerica da travessa e passou pela sala descascando-a, assomando-se de quando em quando à pequena janela da cozinha para ver se alguém entrava ou saía dos ateliês. O de Sven era o quinto, ela ainda não havia descido para conhecê-lo. Nunca o tinha acompanhado a uma de suas residências artísticas, por isso media os próprios movimentos, tomando cuidado para não o incomodar nem invadir seu espaço. Propusera-se a fazer o necessário para que ele não se arrependesse de tê-la convidado.

Era ele quem ganhava as bolsas, quem ia daqui para lá com suas grandes xilogravuras monocromáticas, “abrindo a arte ao povo”, “levando tinta à alma”, “um artista com raízes”. Ela não tinha um plano, nada que a sustentasse nem a protegesse. Não estava certa de conhecer a si própria nem tampouco sabia o que viera fazer neste mundo. Ela era a mulher dele. A mulher do professor, como a chamavam ali no pequeno vilarejo de Vista Hermosa. Então, quando algo verdadeiramente novo acontecia em sua vida, por mais que parecesse uma bobagem, como parecia ser essa insólita descoberta dos kentukis, tinha que guardá-lo para si, ao menos até entender

de fato o que estava fazendo. Ou até entender por que, desde que tinha chegado a Vista Hermosa, não parava de olhar tudo com tanto estranhamento, e de se perguntar o que ia fazer com sua vida para que o tédio e o ciúme não acabassem deixando-a louca.

Tinha comprado o kentuki em Oaxaca, a uma hora do vilarejo, depois de perambular até se fartar entre lojas de rua e casas de design cheias de coisas pelas quais não podia pagar. Podia, sim — corrigia a si mesma toda vez que pensava desse jeito: o acordo era que ela o acompanharia às residências e, em troca, Sven pagaria os gastos, embora nem bem haviam dado a primeira volta e ela já o tivesse visto consultar a conta bancária vezes demais, combinando silêncios com alguns suspiros.

No mercado, caminhara entre as barracas de frutas, especiarias e máscaras, evitando olhar como, pendurados vivos pelas patas, os gansos e as galinhas se sacudiam em silêncio, exaustos na própria agonia. Na parte de trás tinha encontrado um local envidraçado, estranhamente branco e limpo entre tantas barracas de rua. As portas automáticas se abriram, ela entrou e, quando se fecharam, o barulho ficou levemente amortecido. Alina agradeceu o suave ronronar do ar-condicionado e que os funcionários parecessem estar ocupados atendendo outros clientes ou fazendo reposições: ela estava a salvo. Tirou o lenço, ajeitou os cabelos e avançou entre gôndolas de eletrodomésticos, aliviada de poder andar entre tantas coisas de que não precisava. Passou pelas cafeteiras e pela seção de barbeadores e parou alguns metros adiante. Foi quando os viu pela primeira vez. Havia uns quinze, vinte deles, empilhados em caixas. Não eram simples bonecos, isso estava claro. Para que as pessoas pudessem vê-los, vários modelos estavam fora das caixas, ainda que suficientemente no alto, para que ninguém conseguisse alcançá-los. Alina pegou uma das caixas. Eram brancas e de design impecável, como as do iPhone e do iPad de Sven, só que maiores. Custavam 279 dólares, era bastante dinheiro. Não eram bonitos, e ainda assim havia algo sofisticado que não conseguia desvendar. O que eram, exatamente? Deixou a bolsa no chão e se agachou para vê-los melhor. As imagens das caixas mos-

travam diferentes tipos de animais. Havia toupeiras, coelhos, corvos, pandas, dragões e corujas. Mas não havia dois iguais, mudavam as cores e as texturas e alguns estavam customizados. Conferiu outras caixas mais, com muita atenção, até separar mentalmente cinco. Depois avaliou essas cinco e pegou duas. Agora tinha que decidir, e se perguntou que tipo de decisão estava tomando. Uma caixa dizia “crow/krähe/乌鸦/corvo”, outra dizia “dragon/drache/龙/dragão”. A câmera de vídeo do corvo podia enxergar em lugares escuros, mas ele não era impermeável. O dragão era, e podia oferecer fogo, mas ela não fumava, Sven também não. Gostava do dragão porque parecia menos rudimentar, mas achava que o corvo tinha mais a ver com ela. E esse era o tipo de associação que não tinha certeza se devia fazer para essa compra. Lembrou a si mesma de que custavam 279 dólares e deu alguns passos para trás. No entanto, pensou, ainda estava com a caixa nas mãos. Ia comprá-lo de todo modo, porque sim, e com o cartão de Sven, já quase podia escutá-lo suspirando enquanto conferia a conta. Levou o corvo até os mostradores, atenta ao impacto dessa decisão em seu ânimo, e concluiu que essa compra podia mudar algumas coisas. Embora não soubesse exatamente o quê, nem se estava levando o kentuki certo. O funcionário que a atendeu, mal chegava a ser um adolescente, cumprimentou-a entusiasmado quando viu que ela se aproximava com um deles.

— Meu irmão tem um — disse — e eu estou economizando para o meu, são fantásticos.

Ele usou essa palavra, “fantásticos”. E pela primeira vez ela duvidou, não da compra, mas de ter escolhido o corvo, até que o garoto, com um sorriso, pegou a caixa de suas mãos e o código de barras soou claro e irreversível. Ele lhe deu um cupom para a compra seguinte e lhe desejou um ótimo dia.

De volta a Vista Hermosa, mal entrou no quarto, tirou as sandálias e se jogou por um momento na cama, com os pés sobre o travesseiro de Sven. A caixa do kentuki estava perto, ainda fechada, e ela se perguntou se, uma vez aberta, poderia devolvê-la. Depois de uns minutos, já mais composta, sentou-se e a pôs sobre as pernas.

Tirou as etiquetas de segurança e abriu o pacote. Cheirava a tecnologia, plástico e algodão. E havia algo emocionante nisso, a distração milagrosa de soltar cabos novos e minuciosamente amarrados, de arrancar o celofane de dois tipos diferentes de adaptador, de acariciar o plástico sedoso do carregador.

Deixou tudo de lado e tirou o kentuki. Era um boneco bem feio, um grande corvo rígido de pelúcia cinza e preta. Pregado na barriga feito uma gravata volumosa, um plástico amarelo se fazia de bico do corvo. Achou que os olhos eram pretos, mas vendo-o com mais atenção entendeu que estavam fechados. Tinha três rodas de borracha lisa ocultas sob o corpo — uma na frente e duas atrás —, e as asas, pequenas e coladas ao corpo, pareciam ter certa independência. Talvez se mexessem ou se balançassem. Calçou o boneco no carregador e esperou que a luz de contato se acendesse. Tremeluzia a cada tanto, como se buscasse sinal, depois se apagava outra vez. Alina ficou na dúvida se era preciso conectar ao wifi, mas releu o manual e confirmou o que já achava ter lido na caixa, o 4G/LTE se ativava automaticamente, a única coisa que ficava sob a responsabilidade do usuário era deixar o kentuki sobre o carregador. A compra incluía um ano grátis de dados móveis e não era necessário instalar nem configurar nada. Sentada na cama, ficou por um tempo consultando o manual. Por fim encontrou o que procurava: na primeira vez que o “amo” de um kentuki punha o dispositivo para carregar, devia ter “paciência de Amo”: tinha que esperar o kentuki se conectar aos servidores centrais e que ele se linkasse com outro usuário, alguém em alguma outra parte do mundo que desejasse “ser” kentuki. Dependendo da velocidade da conexão, estimava-se um tempo entre quinze e trinta minutos de espera para que a instalação do software em ambas as interfaces se concretizasse. Pedia-se que não se desconectasse o kentuki até então. Decepcionada, Alina conferiu outra vez o conteúdo da caixa. Achou estranho que, além do carregador e do manual, não tivesse vindo nenhum dispositivo para controlar o kentuki. Entendia que funcionava de forma autônoma — comandado por esse outro usuário “ser” —, mas nem ao

menos poderia ligá-lo ou desligá-lo? Folheou o índice do manual. Quis saber se não havia parâmetros de seleção desse outro usuário que seria seu kentuki, características que ela pudesse personalizar, e embora tenha procurado várias vezes no índice, e também passado os olhos por algumas páginas, não encontrou nenhuma pista. Fechou o manual preocupada e foi se servir de algo gelado.

Pensou em mandar uma mensagem para Sven, ou criar ânimo para passar pelo ateliê. Precisava verificar como iam as coisas desde que, alguns dias antes, tinham mandado a ele uma ajudante para o processo de estamparia. Eram obras grandes e o papel úmido era muito pesado para uma pessoa só. “Fica aparecendo a definição da linha”, protestava Sven, até que sua galerista teve a brilhante ideia de conseguir uma ajudante para ele. Cedo ou tarde teria que visitar o ateliê e conferir o que estava sendo tramado. Da cama, olhou o display do carregador: a luz estava verde, não tremulava mais. Sentou-se ao lado do aparelho com o manual nas mãos e ficou lendo um pouco mais as instruções. De vez em quando olhava para o bicho de pelúcia, comprovando ou memorizando detalhes. Esperava algum tipo de tecnologia japonesa de última geração, um passo a mais na direção desse robô doméstico sobre o qual tinha lido desde que era menina nas revistas do jornal de domingo, mas concluiu que não havia nada novo: o kentuki não passava de um cruzamento de bicho de pelúcia articulado com um celular. Tinha uma câmera, um pequeno microfone e uma bateria que durava entre um ou dois dias, dependendo do uso. Era um conceito velho somado a uma tecnologia que também parecia velha. E ainda assim o cruzamento era engenhoso. Alina pensou que logo haveria um pequeno boom de animaizinhos como aquele e que, desta vez, caberia a ela ser desses primeiros grupos de usuários que toleram, condescendentes, o entusiasmo dos novos fãs. Aprenderia um truque básico e daria um susto em Sven assim que ele voltasse, pensaria em alguma travessura.

Quando a conexão do Kooo5973 finalmente se estabeleceu, o kentuki se moveu e Alina deu um pulo e ficou de pé. Era um movimento esperado e que mesmo assim a pegou de surpresa. O kentuki

ki desceu da plataforma do carregador, avançou para o centro do quarto e parou. Ela se aproximou mantendo certa distância. Deu uma volta ao redor dele, mas o bicho de pelúcia não se mexeu mais. Então ela percebeu que ele estava com os olhos abertos. A câmera está ligada, pensou. Pôs a mão em sua calça jeans, era um milagre que não estivesse só de calcinha e sutiã dentro do quarto. Pensou em desligá-lo até decidir o que fazer, e se deu conta de que não sabia como. Ela o ergueu. Não se via nenhum interruptor no kentuki, nem na base. Deixou-o de novo no chão e ficou olhando para ele por um tempo. O kentuki também a olhava. Ia mesmo falar com ele? Assim, sozinha no quarto? Limpou a garganta. Aproximou-se ainda mais e se agachou diante dele.

— Olá — disse Alina.

Passaram-se alguns segundos, e então o kentuki avançou até ela. Que bobagem, pensou, mas no fundo estava curiosa.

— Quem é você? — perguntou Alina.

Precisava saber que tipo de usuário era o dela. Que tipo de pessoa escolheria “ser” kentuki em vez de “ter” um kentuki? Pensou que também podia ser alguém que se sentia sozinho, alguém como sua mãe, na outra extremidade da América Latina. Ou um velho babão misógino, ou um depravado, ou alguém que não fala espanhol.

— Oi? — perguntou Alina.

O kentuki parecia não conseguir falar. Ela se sentou outra vez diante dele e se esticou para recuperar o manual. No parágrafo “primeiros passos”, buscou uma sugestão para esse primeiro intercâmbio. Quem sabe se propusessem perguntas que pudessem ser respondidas com um sim ou com um não, ou fossem sugeridos códigos iniciais, tipo o kentuki responder “sim” virando a cabeça para a esquerda e “não” virando para a direita. Será que o usuário kentuki “ser” tinha o mesmo manual que ela? Não encontrou nada além de questões técnicas, conselhos sobre o cuidado e a manutenção do dispositivo.

— Dá um passo à frente se você estiver me escutando — disse Alina.

O kentuki avançou uns centímetros e ela sorriu.

— Dá um passo para trás quando quiser dizer “não”.

O kentuki não se mexeu. Era divertido. De repente viu com clareza o que queria perguntar. Precisava saber se era homem ou mulher, que idade tinha, onde vivia, com o que trabalhava, quais eram seus interesses. Precisava julgar e, com urgência, decidir que tipo de “ser” era o seu. O kentuki estava ali, olhando para ela, talvez tão ansioso para responder quanto ela para perguntar. Então pensou que seu corvo poderia ciscar em sua intimidade abertamente, ele a veria de corpo inteiro, conheceria o tom de sua voz, sua roupa, seus horários, poderia percorrer o quarto livremente e de noite conheceria também Sven. A ela, em compensação, só restaria perguntar. O kentuki podia não responder, ou podia mentir. Dizer que era uma colegial filipina e ser um petroleiro iraniano. Podia, num acaso insólito, ser alguém que ela conhecesse e não confessar isso nunca. Em troca, ela devia mostrar sua vida inteira, e de forma transparente, tão disponível quanto estivera para aquele pobre canário de sua adolescência que tinha morrido olhando para ela, pendendo da gaiola no centro do quarto. O kentuki chiou e Alina o olhou com o cenho franzido. Foi um chiado metálico, como o que faria um filhote de águia dentro de uma lata vazia.

— Um momento — disse ela. — Preciso pensar.

Levantou-se, foi até a janela que dava para os ateliês e se assomou para ver o teto do estúdio de Sven. Talvez desesperado pela espera, o kentuki voltou a chiar. Alina o escutou se mover, viu-o se aproximar dela, balançando-se às vezes por causa das imperfeições da madeira do piso. Deteve-se perto dela. Ficaram assim, se olhando. Até que um barulho nos ateliês a distraiu, e ela se virou outra vez para a janela. Lá fora pôde ver que a nova assistente de Sven estava saindo. A garota ria, fazia gestos para o ateliê, talvez para alguém que, do lado de dentro, festejava suas brincadeiras, alguém que continuava cumprimentando-a enquanto ela, se afastando, continuava se virando para vê-lo. Alina sentiu umas batidinhas nos pés. O kentuki estava grudado nela, com a cabeça totalmente virada para cima, para poder vê-la. Ela se agachou e o ergueu. Era pesado, pareceu-lhe inclusive mais pesado que quando o tinha tirado da caixa. Pensou

no que aconteceria se o soltasse. Se a conexão se perderia com esse usuário particular, se o boneco se desconectaria definitivamente ou se estaria preparado para sobreviver a certos acidentes. Os olhos piscaram sem tirar a vista de cima dela. Era bonitinho que não falasse. Uma boa decisão dos fabricantes, pensou. Um “amo” não quer saber o que seu animal de estimação pensa. Em seguida entendeu que era uma armadilha. Conectar-se com esse outro usuário, averiguar quem era, também dizia muito sobre a pessoa. Em última análise, o kentuki sempre terminaria sabendo mais dela que ela dele, isso era fato, mas ela era sua *ama*, e não permitiria que o bicho de pelúcia fosse mais que um animal de estimação. No fim das contas, um animal de estimação era tudo de que ela precisava. Não lhe faria nenhuma pergunta, e sem suas perguntas o kentuki dependeria somente de seus movimentos, seria incapaz de se comunicar. Era uma crueldade necessária.

Deixou o corvo no chão, olhando outra vez para o quarto, e lhe deu um empurrãozinho para a frente. O kentuki compreendeu: desviou-se dos pés das cadeiras e da mesa, passou por baixo da cômoda e se afastou devagar em direção ao carregador.